

## ANÁLISE DIALÓGICA DOS TEXTOS DE APRESENTAÇÃO DE GRAMÁTICAS ESCOLARES DO PORTUGUÊS

Francisco Eduardo Vieira da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, analiso a materialidade discursiva das apresentações de três gramáticas escolares de língua portuguesa produzidas no Brasil nos últimos dez anos. Meu principal propósito é observar como esses instrumentos de gramatização orquestram a multiplicidade de discursos e vozes que constituem esses textos de apresentação, considerando suas relações com o contexto sócio-histórico-ideológico que os engendra e atualiza sentidos. Inscrevo-me na perspectiva da teoria e análise dialógica da linguagem, baseando-me, sobretudo, nos escritos de Bakhtin (1997, 1998), Bakhtin/Volochínov (1992) e Volochínov/Bakhtin (1976, 1981). A análise aponta que os discursos engendrados nesses textos refletem e refratam o atual contexto sócio-histórico em que nos abrigamos quando o assunto é ensino de língua materna, materiais didáticos e gramática do português. Essas apresentações são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem como sensíveis indicadores das transformações pelas quais o ensino de língua passou (e vem passando) nos últimos anos, reverberando discursos em conflito e tensão.

**PALAVRAS-CHAVE:** dialogismo; gramática escolar; gramatização.

**RESUMEN:** En este artículo, analizo la materialidad discursiva de las presentaciones de tres gramáticas escolares de lengua portuguesa producidas en Brasil en los últimos diez años. Mi principal objetivo es observar como esos instrumentos de gramatización organizan la multiplicidad de discursos y voces que constituyen esos textos de presentación, considerando sus relaciones con el contexto socio histórico e ideológico que les engendra y actualiza sentidos. Buscando la perspectiva de la teoría y análisis dialógica del lenguaje, me baso, sobre todo, en los escritos de Bajtín (1997, 1998), Bajtín/Voloshinov (1992) y Voloshinov/Bajtín (1976, 1981). El análisis registra que los discursos engendrados en esos textos reflejan y refractan el actual contexto socio histórico en que nos resguardamos cuando el asunto es enseñanza de lengua materna, materiales didáticos y gramáticas del portugués. Esas presentaciones son tejidas a partir de una multitud de hilos ideológicos y sirven como sensibles indicadores de las transformaciones por las cuales la enseñanza de lengua pasó (y continúa pasando) en los últimos años, repercutiendo discursos en conflicto y tensión.

**PALABRAS-CLAVE:** dialogismo; gramática escolar; gramatización.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Doutor A do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba (CCHE/UEPB). E-mail: feduardovieira@gmail.com

## 1. Introdução: gramática escolar, tradição gramatical e dialogismo

O processo de gramatização<sup>2</sup> do português no Brasil vem produzindo dois tipos de gramática de perfil predominantemente prescritivo-normativo: a gramática de referência ou tradicional (doravante GT), sem finalidade didática explícita ou proeminente; e a gramática escolar (doravante GE), organizada a fim de ser instrumento de ensino-aprendizagem do português nas escolas brasileiras.

Em linhas gerais, a GE se diferencia da GT por oferecer – além de categorizações, definições e exemplificações – atividades sobre os conteúdos gramaticais explanados. Também chamada de *gramática didática* ou *pedagógica*, esse tipo de gramática pode ser definido como

todo aquele manual de uso facultativo que, sendo utilizado em contexto escolar, se diz destinado ao ensino explícito da língua, privilegiando a exposição de conteúdos gramaticais em detrimento da realização de exercícios de gramática, que podem todavia ocorrer, mas como complemento. É, portanto, a natureza da obra, a definição, a estrutura, o contexto de uso, o seu enquadramento, a autoria e a afirmação explícita do uso pedagógico que fazem de um manual uma gramática escolar. (SILVA, 2008, p. 243)

As raízes teórico-metodológicas desse material didático remontam aos gramáticos alexandrinos do século III a.C., os quais se apropriaram das elaborações teóricas dos filósofos antigos e as transformaram em princípios incontestáveis na descrição de uma língua “correta”, neste caso, o grego homérico. Essa visão, absorvida pelos gramáticos latinos durante o império romano e a Idade Média, forneceu o lineamento taxionômico, conceitual, metodológico e ideológico para a gramatização dos vernáculos europeus a partir do século XIV, e se tornou o modelo hegemônico de tudo o que foi feito em termos de gramática no Brasil, sejam tais obras escolares ou não. A propósito, ao longo da história dos livros de gramática no Brasil, não raro autores de gramáticas de referência elaboravam suas versões escolares, redigidas com a finalidade principal de se tornarem instrumentos didáticos nas aulas de língua portuguesa. Um dos precursores do feito fora o famoso gramático João Ribeiro, autor da *Grammatica Portugueza*, de 1887, e de suas compactas edições destinadas ao Curso Primário (*Grammatica da Infancia*) e ao Curso Médio de Português, cujas primeiras edições datam de 1881 e 1884, respectivamente. A esse caso se seguiram outros, como a publicação da *Gramática de base*, de Celso F. da Cunha (1979), e, mais recentemente, da *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2001).

Em Silva (2015), denomino esse modelo de instrumentalização linguística – a partir do qual a GE tradicionalmente veio sendo constituída – de *paradigma tradicional de gramatização* (PTG), modelo que vem sendo responsável por nortear, há mais de dois mil anos, a elaboração de gramáticas no Ocidente. Em geral, as gramáticas sob o crivo do PTG (dentre as quais, evidentemente, as gramáticas tradicionais lusobrasileiras): buscam

---

<sup>2</sup> A gramatização é o processo, de origem renascentista, de descrever e instrumentar línguas, com base na tradição greco-latina, a partir de duas tecnologias metalinguísticas: a gramática e o dicionário (AUROUX, 1992).

construir e ensinar um padrão linguístico ideal a partir da prescrição de supostas formas corretas e legítimas; veem as variedades linguísticas dominantes na sociedade como superiores às de menor prestígio; confundem *gramática*, *norma* e *língua*, entendendo-as como um objeto autônomo, homogêneo e estático, independente de seus usuários e a serviço da expressão do pensamento; privilegiam a escrita literária pregressa em detrimento de outros universos linguísticos; tomam a frase como unidade máxima de análise e consideram imanente o seu sentido; e utilizam um aparato categorial, conceitual e terminológico comum, fixo e estanque, a despeito de lacunas e contradições.

Entretanto, desde os anos 1960, a crítica à fragilidade conceitual e empírica desse modelo de gramática levou à redefinição de seu papel e espaço no âmbito dos estudos universitários e, posteriormente, nas escolas brasileiras, instaurando, no dizer de Faraco (2008, p. 24), uma “crise no núcleo tradicional do ensino de português”. Em outras palavras, o ensino da norma-padrão e da nomenclatura e conceitos gramaticais passaram a ser questionados no que diz respeito à relevância, cientificidade e método. Esse “discurso da mudança” (PIETRI, 2003) passou a circular, sobretudo a partir dos anos 1980, entre os professores de língua materna através de palestras, cursos de atualização, publicações de linguistas e documentos oficiais (guias, orientações e parâmetros curriculares). Hoje, após quase cinco décadas de discussões sobre novos horizontes para o ensino de português (e de gramática), configurou-se uma mudança de paradigma, uma espécie de “virada pragmática no ensino de língua materna” (RANGEL, 2001, p. 8), em que os saberes da Linguística, em suas diversas abordagens, vêm alimentando formas particulares de escolarização da língua portuguesa.

Diante disso, é evidente que as GEs de língua portuguesa não ficariam incólumes à virada pragmática e ao discurso da mudança. Se, por um lado, ao folhear esses compêndios, percebe-se que eles, em geral, reproduzem a estrutura, a terminologia, os conceitos e as prescrições doutrinárias das principais GTs do português, por outro lado, também é nítida a tentativa de dialogarem com uma visão de língua inovadora, a qual estabelece relações com uma perspectiva sociointeracionista de linguagem, compatível com os desejos do mercado editorial em se adequar a um suposto professor atento às novas tendências pedagógicas. Além disso, muitas GEs são produzidas por autores de livros didáticos aprovados pelo PNLD e acordados, portanto, com o que se espera do trabalho com gramática por parte de um material didático. É o caso, por exemplo, da *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*, de Cereja & Magalhães (2009), cujo título já remete a áreas não formalistas dos estudos da linguagem. A Unidade I dessa gramática versa sobre linguagem verbal e não verbal, variedades linguísticas, funções da linguagem, intertexto e interdiscurso, entre outros temas e conceitos de disciplinas das ciências linguísticas pós-estruturalistas, centradas nos usos da língua. Contudo, os conteúdos das unidades seguintes dessa gramática (fonologia, morfologia e sintaxe) parecem ser arrolados a partir da perspectiva tradicional e consoante à NGB<sup>3</sup>.

Feitas essas considerações, posso agora dizer a que pretende este trabalho. Seu principal objetivo é analisar a materialidade discursiva dos textos de apresentação de três

---

<sup>3</sup> A partir de sua publicação, em 1959, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) erigiu um modelo de gramática (três níveis de análise, dez partes do discurso etc.) seguido desde então de forma bastante regular.

GEs de língua portuguesa produzidas no Brasil nos últimos dez anos. A partir dessas apresentações, endereçadas costumeiramente ao estudante e ao professor, observarei como esses compêndios dizem incorporar as consequências da virada pragmática a seus propósitos prescritivistas e a sua organização tradicional milenar, o que, a princípio, seria incompatível e resultaria em contradições teórico-metodológicas e conceituais no interior das GEs de língua portuguesa, as quais se revelam, *grosso modo*, mantenedoras da doutrina gramatical tradicional. Dito de outro modo, pretendo analisar a multiplicidade de discursos e vozes que constituem os textos de apresentação das GEs, considerando suas relações com o contexto sócio-histórico-ideológico que os engendra e atualiza sentidos.

Dessa feita, inscrevo-me na perspectiva da teoria e análise dialógica da linguagem, baseando-me, sobretudo, nos escritos de Bakhtin (1997, 1998), Bakhtin/Volochínov (1992) e Volochínov/Bakhtin (1976, 1981)<sup>4</sup>. Posso dizer que estou inserido no que se costuma denominar “Teoria/Análise Dialógica da Linguagem”, o conjunto de estudos e pesquisas sobre linguagem e discurso, ancorados, principalmente, nos textos desses autores, e que se voltam para: a multiplicidade de discursos e vozes que constituem o texto e se modificam em função da circulação; as relações dialógicas; o papel da linguagem, do sujeito, da situação na construção do sentido; a concepção de texto como enunciado axiológico; entre outros temas.

Assim, esse tipo de análise, sempre levando em consideração aspectos histórico-sociais, se afasta de uma análise estrutural e não se confunde com uma análise textual, representando, no campo da linguística, um movimento de deslize não só teórico, mas também metodológico. Nesse contexto de investigação em que estou situado, o objeto é teorizado ao mesmo tempo em que o dispositivo para análise é construído. Em outros termos, teoria e análise mantêm uma relação de mão dupla: a teoria fundamenta a análise, e a análise permite o analista voltar à teoria para repensar conceitos, preencher lacunas, operar deslocamentos.

Na próxima seção, para atingir os propósitos analíticos deste trabalho, discutirei alguns aspectos da teoria dialógica da linguagem, a partir, sobretudo, de algumas obras desses autores russos.

## 2. Discutindo o arcabouço teórico: a teoria dialógica da linguagem

Noção central do pensamento de M. Bakhtin e V. N. Volochínov, o diálogo acaba por ser o fundamento para se pensar várias questões sobre a natureza da linguagem e, conseqüentemente, da existência humana. Segundo Cunha (2006), o princípio dialógico explica as grandes opções da teoria bakhtiniana/volochinoviana: o social, a ideologia, a diversidade, o não oficial, as forças centrífugas, a pluralidade da linguagem etc. Pode-se dizer que o legado de ambos os pensadores instaurou uma revolução paradigmática nas ciências da linguagem, instituindo o princípio dialógico como método. No Brasil, em particular, isso aconteceu a partir dos anos 1960, pelas mãos dos literatos paulistas, após

---

<sup>4</sup> Não discutirei aqui a autoria dos textos de Bakhtin e Volochínov. Limito-me apenas a citar os autores de acordo com as edições das obras que utilizei aqui neste artigo.

contato com a obra *Problemas da poética de Dostoievski*, de Bakhtin (1997). Nos anos 1980, os linguistas introduziram no cenário brasileiro *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Bakhtin/Volochínov (1992). A partir de então, pela amplitude dos temas e ideias desses autores, seus escritos passaram a estabelecer frutíferas relações com a filosofia da linguagem, a semiótica, a epistemologia, a linguística da enunciação, a sociolinguística, a pragmática, a análise do discurso, a psicolinguística, a análise da interação verbal etc.

Segundo Ivanova (2011), a elaboração da teoria do diálogo remonta ao século XX, em particular aos estudos de Bakhtin sobre Dostoievski (BAKHTIN, 1998) e ao livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, este último considerado um dos primeiros em que os princípios do dialogismo foram formulados. Todavia, lembra-nos a autora de outro texto, pouco conhecido no Ocidente e praticamente esquecido na Rússia atual: um artigo do linguista russo Lev Jakubinskij (1892-1945), intitulado *Sobre a fala dialogal*, publicado em 1923, ou seja, contemporâneo ao célebre livro de Volochínov, cuja 1ª edição russa data de 1929-1930.

## 2.1 A teoria do diálogo de Lev Jakubinskij

A teoria do diálogo em Jakubinskij, em se comparando com a de Volochínov, é um pouco mais estreita, mas não menos interessante. De acordo com Ivanova (2011), o autor define o diálogo como uma “forma direta de interação verbal” (p. 242) e analisa o papel da mímica, do gesto e dos movimentos do corpo humano para a compreensão mútua. Em seguida, interessa-se pela natureza eminentemente oral do diálogo e destaca o papel essencial da entonação, do tom, do timbre e da mímica para que o ouvinte tome uma posição em relação ao locutor e ao seu enunciado.

O segundo princípio desenvolvido no artigo é a oposição entre *diálogo* (fenômeno natural) e *monólogo* (fenômeno artificial). Segundo Jakubinskij (1923, p. 134 *apud* IVANOVA, 2011, p. 243), “cada interação é uma ação recíproca (inter-ação), que tende para o fenômeno dialógico”. Até mesmo uma ação monológica provoca uma reação de resposta, de onde vem a noção de “produção interior das réplicas” (audição de uma palestra, por exemplo). Assim, o fenômeno da produção de uma resposta é uma característica fundamental de todas as formas de interação verbal. Esse princípio, ao qual podemos associar às noções de “compreensão responsiva ativa do destinatário”, “compreensão responsiva de ação retardada” e “compreensão responsiva muda” (BAKHTIN, 1998), mostra o quanto é dialogal a vida da linguagem. Entretanto, lembramos Cunha (2006) que, a despeito desse horizonte comum de pensamento do contexto soviético pós-revolucionário, a “compreensão responsiva” de Jakubinskij é formulada em termos de atitude e avaliação, enquanto que em Bakhtin (1998) o fenômeno é inerente a todo enunciado.

Ainda de acordo com Jakubinskij (1923 *apud* IVANOVA, 2011), a troca de réplicas se desenrola seja na forma de uma mudança de locutor, seja na forma de uma interrupção, o que gera um *inacabamento*. Cada ato da produção de um enunciado concreto supõe uma sequência e cada réplica é determinada por uma réplica precedente do interlocutor. A simultaneidade da recepção da palavra de outrem e a preparação de um

contraenunciado torna a fala dialogal, do ponto de vista psicológico, mais complexa que a fala monológica.

Assim, Ivanova (2011) conclui que, graças a Jakubinskij, pela primeira vez na linguística russa e mundial encontra-se a formulação dos princípios da teoria do diálogo como fenômeno complexo e heterogêneo, constituído por componentes linguísticos e extralinguísticos. Vale destacar que algumas asserções da teoria do autor vigoram até hoje no interior da teoria dialógica da linguagem, como a concepção de diálogo como atividade mútua e interativa, a ideia de que todo enunciado produz respostas (muitas delas como discurso interior), a noção de inacabamento do enunciado, entre outras.

## 2.2 O dialogismo de Bakhtin/Volochínov

Por sua vez, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (1992) rechaça a noção de língua fundada na forma imanente ou no psiquismo do falante. Há o descarte tanto do *subjetivismo individualista* (orientação linguísticofilosófica que tem como principais representantes Humboldt, Vossler e Spitzer, para os quais a realidade linguística se daria na fala individual de caráter monológico) como do *objetivismo abstrato* (orientação linguístico-filosófica que tem como principal representante F. de Saussure, que vê a língua como um objeto autônomo e imanente), e a adoção da noção de linguagem como interação, o que fundamenta o interacionismo bakhtiniano. Segundo o autor,

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1992, p. 123)

Assim, de acordo com Bakhtin/Volochínov (1992), a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes. Apesar de Saussure afirmar que a linguagem é um fato social, excluiu a relação entre língua, sociedade e usuário na explicação dos fatos linguísticos sincrônicos e na elaboração de sua teoria da linguagem. Opondo-se direta e explicitamente a tal imanência linguística, Bakhtin/Volochínov (1992) afirma que o sistema altamente abstrato para o qual Saussure se volta é impossível de verificação empírica. Essa atitude mascararia a verdadeira natureza da linguagem, sua dimensão dialógica e ideológica, visto que todo signo sempre evoca determinadas esferas de atividade humana, as quais, historicamente, o carrega de sentidos.

Portanto, para Bakhtin/Volochínov (1992), estudar a linguagem significa ir além do quadro das estruturas linguísticas para analisar o sentido de um discurso produzido numa situação de enunciação única. A linguagem, enquanto atividade humana, só é possível de ser pensada considerando-se o social, o coletivo, pois o humano não existe fora de uma perspectiva social, fora da relação com o outro. O enunciado, longe de ser uma abstração linguística, é social. Isso significa que ele só pode ser compreendido se



tivermos acesso a seus elementos constitutivos, que vão além da materialidade verbal. Desse modo, os participantes, seu espaço e tempo comuns, o propósito comunicativo, o conhecimento partilhado, a compreensão da situação e sua apreciação comum, diferentes semiologias não verbais, tudo isso entra em jogo na produção dos enunciados como componente indispensável ao seu sentido. Por outro lado, convém não ver a situação extraverbal como causa externa de um enunciado, como uma força mecânica que, de fora, age sobre ele. Esclarecem Volochínov/Bakhtin (1976) que a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação.

A concepção de linguagem como interação relaciona-se à noção de dialogismo em Bakhtin/Volochínov (1992). Princípio unificador das reflexões desses autores, o dialogismo é visto como o modo de funcionamento real da linguagem. As relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face; ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é sempre perpassada pela palavra do outro quando enunciada. Esse diálogo em sentido amplo refere-se, assim, ao inacabamento do enunciado, a um instante da comunicação verbal não terminada.

Podemos relacionar a constituição dialógica do enunciado ao caráter ideológico do signo linguístico. Bakhtin/Volochínov (1992), ao apontar as regras metodológicas para uma análise linguística, frisa que não se pode separar a ideologia da realidade material do signo, pois todo ele está marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados. Assim, cada signo possui um índice de valor social, e a compreensão de cada um efetua-se em ligação estreita com a situação social em que ele toma forma. Nos termos de Bakhtin/Volochínov, (1992, p. 95), “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Não falamos ou escutamos palavras, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más etc. Se concedermos um estatuto separado à forma linguística, vazia de ideologia, só encontraremos sinais e não mais signos de linguagem.

Desse modo, para Bakhtin/Volochínov (1992), a situação social (tanto a mais imediata, quanto a mais ampla) determina completamente todo e qualquer enunciado. Os interlocutores são peças fundamentais nessa determinação, refletindo as duas faces da palavra, a qual

é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. (...) Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1992, p. 113)

Além desse dialogismo amplo, que não se mostra no fio do discurso, há o dialogismo em sua forma estreita, explícita. Segundo Bakhtin/Volochínov (1992), trata-se da incorporação pelo enunciador da voz de outro no enunciado. Nesse caso, o dialogismo é uma forma composicional, que se apresenta de duas maneiras: a) quando o discurso alheio é objetivado, por meio de procedimentos como discurso direto, discurso indireto,

aspas, negação; b) quando o discurso é bivocal, internamente dialogizado, o que ocorre por meio de procedimentos como paródia, estilização, polêmica clara ou velada, discurso indireto livre etc.

Por sua vez, em sua teoria do romance, Bakhtin (1998) reafirma o caráter dialógico da linguagem, a orientação dialógica do discurso para os discursos de outrem. Segundo o autor, o verdadeiro meio da enunciação é um plurilinguismo dialogizado, por um lado anônimo e social, e por outro, concreto, saturado de conteúdo e acentuação individual. Assim, todo enunciado encontra seu objeto já avaliado, iluminado por discursos outros que já falaram sobre ele. Nesse sentido, apontam Volochínov/Bakhtin (1976) para o fato de que as avaliações que fazemos corriqueiramente (por meio de enunciados como *isto é verdade, isto é arriscado dizer, você não pode dizer isto* etc.) referem-se a um certo todo dentro do qual o discurso verbal envolve diretamente um evento na vida e se funde com esse evento, formando uma unidade indissolúvel.

Para Bakhtin (1998), os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente, são constituídos por uma dialogicidade interna. O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da interação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera: refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos etc. Em todos os domínios da vida, nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas com diferentes grau de precisão e imparcialidade. Portanto, “se nos desviarmos completamente desta orientação, então, sobrá em nossos braços seu cadáver nu a partir do qual nada saberemos, nem de sua posição social, nem de seu destino” (p. 99).

Ao mesmo tempo, todo enunciado também estabelece uma relação com os enunciados que lhe sucedem na corrente ininterrupta da comunicação verbal. De acordo com Bakhtin (1998), todo enunciado possui uma orientação para o ouvinte, se elabora como que para ir ao encontro de uma resposta, é diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro. Enquanto elaboro o meu enunciado, tendo a presumir essa resposta, a qual nele influi. Penetro no horizonte alheio do meu ouvinte, sob cujo fundo aperceptivo construo a minha enunciação. O ouvinte, por sua vez, também compreende a enunciação enquanto um processo em constituição, pois adota uma atitude responsiva ativa desde o início do discurso do falante: ele concorda ou discorda, completa, adapta etc. Ainda para Bakhtin (1998), a compreensão responsiva ativa do que foi ouvido tanto pode realizar-se diretamente, como pode permanecer, por certo lapso de tempo, compreensão responsiva muda, desdobrando-se em compreensão responsiva de ação retardada: cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte.

Diante disso, conclui Bakhtin (1998) que todo enunciado está irremediavelmente ligado não só a enunciados que o precederam, como também aos que lhe sucederão na ininterrupta cadeia da comunicação verbal no interior de uma determinada esfera da atividade humana. Em síntese: todo enunciado está orientado tanto para o já-dito quanto para o que ainda se está por dizer. Ainda segundo o autor, somente o Adão mítico,



abordando com a primeira palavra um mundo virgem e ainda não dito, somente este Adão poderia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica da linguagem.

A natureza constitutivamente dialógica da linguagem também é foco das reflexões de Bakhtin (1997) a partir da literatura de Dostoiévski. Bakhtin (1997), ao desenvolver a noção de polifonia como sustentáculo dos romances de Dostoiévski, afirma que as ideias do outro são representadas pelo romancista no fluxo dialógico de sua construção, sem afirmá-las ou fundi-las com a sua ideologia. O autor entende a ideia no âmbito da “polêmica em que vive em constante interação dialógica com outras ideias” (BAKHTIN, 1997, p. 84), num cruzamento dialógico perene, daí sua livre falta de acabamento:

A ideia não vive na consciência individual isolada de um homem: mantendo-se apenas nessa consciência, ela degenera e morre. Somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros é que a ideia começa a ter vida, isto é, a formar-se, desenvolver-se, a encontrar e renovar sua expressão verbal, a gerar novas ideias (BAKHTIN, 1997, p. 86).

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (1992, p. 49) nos diz que é impossível reduzir o funcionamento da consciência a alguns processos que se desenvolvem no interior do campo fechado de um organismo vivo. O fenômeno psíquico, uma vez compreendido e interpretado, é explicável exclusivamente por fatores sociais. Bakhtin (1997), ratificando essa linha de pensamento, vai considerar a ideia pelo viés da não individualidade, ou seja, pela relação dialogada entre as consciências: “a ideia é um *acontecimento vivo*, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas ou várias consciências” (BAKHTIN, 1997, p. 87). E, como o discurso, ela quer ser ouvida, entendida e respondida por outras vozes, outras posições, outras ideias, em direção à constituição de um grande diálogo.

Diante desses princípios teóricos do interacionismo e do dialogismo, Bakhtin/Volochínov (1992, p. 124) sugere uma ordem metodológica para o estudo da língua. Primeiro, o analista deve se debruçar sobre as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza; em seguida, analisar as formas das distintas enunciações em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos; por fim, examinar as formas da língua em sua interpretação linguística habitual. De certo modo, ainda segundo esse autor, é nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem (em função das infraestruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução se reflete, enfim, na mudança das formas da língua.

De certo modo, sigo esse encaminhamento teórico-metodológico na análise que empreendo na próxima seção. Meu *corpus* é constituído por três apresentações de GEs (em anexo) que circulam atualmente no mercado de manuais didáticos de língua portuguesa, cujas especificações seguem abaixo:

Apresentações	Gramáticas Escolares
Ap1	CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. <b>Gramática reflexiva: texto, semântica e interação.</b> 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 448.
Ap2	MESQUITA, Roberto Melo; MARTOS, Cloder Rivas. <b>Gramática pedagógica.</b> 30ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 496.
Ap3	CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. <b>Gramática da língua portuguesa.</b> Ensino Médio. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 2010. p. 584.

Quadro 1 – Descrição do *corpus*

Meu intuito inicial residirá em contextualizar sócio-historicamente a materialidade discursiva a ser analisada, para, somente então, e a partir daí, analisar o dialogismo operando na constituição desses textos.

Passemos, portanto, à análise dos textos dessas apresentações.

### 3. Análise dos dados

#### 3.1 Contextualização do material linguístico-discursivo analisado

Com a abertura da escola a toda a população brasileira, os manuais didáticos ganharam certas características que contribuíram para sua autonomia em relação ao professor. O diálogo com o aluno, por exemplo, perpassa atualmente as GEs do início ao fim. Não raro os autores instauram o estudante como interlocutor explícito, a começar pela apresentação do livro a ele destinada. Todavia, nessa orientação dialógica para o ouvinte, entra aí a figura do professor, e isso pela simples razão de, salvo circunstâncias atípicas, ser ele o responsável pela escolha do livro.

Portanto, é de se crer que, embora situem o aluno como interlocutor direto, os discursos materializados nas apresentações dessas gramáticas miram o professor por razões de mercado e refletem suas vozes, tentando se filiar ideologicamente ao perfil da classe. No cenário esperado, esse professor, independentemente do que indique sua prática, costuma comprar e reproduzir o “discurso da mudança” (PIETRI, 2003) no ensino de língua (e gramática); ou seja, a virada pragmática não lhe passa despercebida. Desse modo, as apresentações dos compêndios gramaticais tendem a dialogarem com uma visão contemporânea de (ensino de) língua, de certo modo hegemônica, ao menos em teoria, na academia e nas políticas públicas atuais. Como afirmam Bakhtin/Volochínov (1976), o discurso verbal envolve diretamente um evento na vida, com o qual se funde numa unidade indissolúvel, daí tais apresentações refletirem e refratarem fatores extraverbais, como o conhecimento da virada pragmática e a compreensão comum de avaliarem positivamente sua importância.

Não irei aqui observar se esse diálogo constitutivo das apresentações resulta em distanciamento da natureza prescritivista da doutrina gramatical e de seu arcabouço teórico, conceitual e metodológico – ainda que, aparentemente, apenas por um relance analítico, eu possa dizer que *não*. O que me interessa, por ora, é entender a teia dialógica dessas apresentações, a multiplicidade de discursos e vozes que as constituem e

engendram sentidos valorados em conformidade com o que se espera de um material de ensino de língua filiado ideologicamente à ordem do dia.

As análises sucederão uma breve contextualização de cada materialidade discursiva. Optei por não dividi-las em momentos distintos – um para cada apresentação, por exemplo – visto que, o gesto interpretativo inaugural de qual lanço mão compreende que as três apresentações dialogam com discursos outros provenientes de uma mesma esfera sócio-histórica, ainda que existam particularidades em cada apresentação, denominadas, a partir de agora, de Ap1, Ap2 e Ap3, conforme já descrito na Quadro 1.

Passemos, assim, à contextualização de cada apresentação. A gramática escolar à qual Ap1 se refere tem autores bastante conhecidos pelos pares e professores, por também serem autores de livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), política pública que abraça a virada pragmática no ensino de língua portuguesa. O compêndio, lançado em 2005, se encontra em sua 3ª edição. O título da obra – *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação* – já reflete o perfil sociointeracionista em que os autores a situam.

A segunda apresentação que tomo para análise (Ap2) foi extraída da 30ª edição da *Gramática Pedagógica*, de Mesquita e Martos, cuja primeira edição é de 1994. Diante disso, é bom frisar que Ap1 refere-se a uma GE produzida inicialmente em meados dos anos 2000, enquanto Ap2, a uma GE originalmente datada de meados de década de 1990. Todavia, apesar dessa distância temporal de onze anos, como em Ap1, os discursos que em Ap2 circulam também refletem, em linhas gerais, as condições de produção a que estamos a chamar de virada pragmática no ensino de português.

A última apresentação (Ap3) abre a 3ª edição da *Gramática da língua portuguesa*, cuja 1ª edição é do ano 2000 e cujo autor é Pasquale Cipro Neto, professor bastante popular na mídia, porém muito criticado no meio acadêmico por sua postura conservadora/tradicionista sobre (ensino de) língua. Não obstante o perfil de seu autor, Ap3 também reflete, em certa medida, o contexto sócio-histórico-ideológico envolvendo o ensino de língua no Brasil nas últimas décadas. Devido a sua reduzida dimensão, Ap3 será a apresentação menos citada em minha análise, embora, como as outras duas, ela também tenha me possibilitado estabelecer generalizações interessantes sobre as vozes que circulam nas apresentações das GEs.

Essa semelhança no que diz respeito às condições de produção, independentemente do que está sendo efetivamente realizado no interior da GE e de suas diferenças constitutivas, parece possibilitar nas apresentações desses compêndios vozes que ecoam visões de língua e gramática, de certa forma, semelhantes e em conformidade com o paradigma de ensino de língua em voga no Estado, nas universidades, nas escolas, nos livros didáticos, no discurso do professor etc., o que nomeio de *virada pragmática no ensino de português*. Como veremos, tal paradigma está refletido e refratado no dizer de Ap1, Ap2 e Ap3.

Entretanto, as vozes percebidas no funcionamento dialógico das apresentações das GEs não são absolutamente unas, idênticas, homogêneas. Essas apresentações, como qualquer “produto ideológico”, no dizer de Bakhtin/Volochínov (1992), reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior, ou seja, remete a algo situado fora de si mesmo. Assim, ideologias de outras esferas também atravessam esses discursos, mantendo relações de oposição, tensão, contradição, embate ideológico.

Assim, defendo aqui que esses textos constituem-se em espaços de múltiplas, dispersas e contraditórias vozes, as quais já ressoam, desde algumas décadas, em outras instâncias de discurso para além dos compêndios gramaticais. Em outras palavras, em se tratando das apresentações das GEs contemporâneas, os discursos que lá circulam reverberam vozes que remetem a outros discursos, a outros espaços, a outras materialidades discursivas, a ponto de terem constituído, já há algumas décadas, uma teia dialógica da virada pragmática no ensino de língua. É isso é o que mostrarei a partir de agora.

### 3.2 As vozes da virada pragmática e da doutrina gramatical nas apresentações das GEs

Início pela análise do enunciado (E) a seguir, extraído de Ap1:

E1: *Durante longo tempo, acreditou-se que falar bem português era falar difícil, isto é, empregar frases de efeito, com estrutura complicada e vocabulário culto. Hoje pensa-se de modo diferente: usar bem o português é o mesmo que saber adequá-lo às diferentes situações sociais de que participamos.* (Ap1)

Analisando a materialidade discursiva acima, percebe-se o estabelecimento de uma oposição entre o passado (*Durante longo tempo*), vinculado a uma perspectiva purista de uso da língua, e o presente (*Hoje*), vinculado a uma concepção heterogênea de língua. Discursos oriundos da ideologia do senso comum, que tende a valorizar o novo em detrimento do antigo, também atravessam E1 e operam a naturalização da ideia de que o ponto de vista sobre língua do presente é superior ao do passado. Ajuda a construir tal efeito de sentido a indeterminação dos sujeitos sintáticos (*acreditou-se, pensa-se*), a qual tenta apagar o sujeito sócio-histórico responsável por esses dizeres que são negados pelo ponto de vista de Ap1.

A análise de Ap2 também aponta para a existência dessa mesma filiação ideológico-discursiva, como se pode observar a partir do trecho sublinhado no enunciado seguinte:

E2: *Este livro pretende fornecer-lhe os meios necessários para um bom desempenho no seu cotidiano, em suas atividades de ouvir, falar, ler e escrever. Para isso, utilizamos uma linguagem bem moderna e atual e selecionamos os mais variados instrumentos para servir de exemplo: manchetes de jornais e revistas, propagandas, histórias em quadrinhos, poemas, contos etc.* (Ap2)

A partir de E2, Ap2 não tece oposições explícitas entre passado e presente, como o faz Ap1; entretanto, realiza certas articulações que desenham no vazio do não dito esse

embate. Se a GE apresentada utiliza “uma linguagem bem moderna e atual”, outros compêndios, por sua vez, utilizariam uma linguagem ultrapassada, antiga, desatualizada.

Ainda em relação a esses saberes oriundos da ideologia do senso comum, percebe-se que as apresentações analisadas ecoam vozes situadas na esfera acadêmica da linguística não formalista, mas também discursos cotidianos e ideologicamente consensuais a respeito da formação/desenvolvimento do estudante no cenário contemporâneo, conforme se percebe, por exemplo, nos enunciados que seguem, retirados respectivamente de Ap1 e Ap2:

E3: *Portanto, ter domínio da língua faz muita diferença. Significa estar mais preparado para interagir com outras pessoas, o que implica ter a possibilidade de influenciar seu modo de agir e pensar e, da mesma forma, também ser influenciado.* (Ap1)

E4: *O mundo vive em comunicação, o tempo todo. Para nos comunicarmos com as outras pessoas, para fazer parte e participar desse mundo – no qual as informações circulam incessante e vertiginosamente –, é necessário não só que nos expressemos com clareza, por escrito ou oralmente, mas que também possamos compreender as informações que recebemos de outras pessoas.* (Ap2)

Em E3, o não dito do enunciado “ter domínio da língua faz muita diferença” (diferença em relação a quê, diferença para quê?) reverbera uma suposta obviedade de sentido, filiado a uma perspectiva de escola e educação voltadas para o mercado, para a competitividade capitalista, para o posicionamento “bem sucedido” do indivíduo na sociedade, o qual se destacaria (diferenciaria) dos demais indivíduos por, por exemplo, “ter domínio da língua”. E4, por sua vez, materializa a ideologia de que devemos “participar desse mundo” em que “informações circulam incessante e vertiginosamente”, e que só conseguiremos tal feito se nos expressarmos com clareza e pudermos compreender as informações recebidas.

Curiosamente, nessas sequências de Ap1 e Ap2, os dizeres “domínio da língua” (E3) e “expressemos com clareza” / “compreender as informações que recebemos de outras pessoas” (E4) também tecem um fio dialógico com vozes instauradas no espaço discursivo-ideológico da doutrina gramática tradicional, remetendo a outros saberes sobre língua (língua como organismo autônomo e imanente, língua como expressão do pensamento, compreensão como recepção passiva de informações...) distantes da posição discursivo-ideológica da virada pragmática no ensino de português. De acordo com Bakhtin/Volochínov (1992), não há signos neutros, e os dizeres tomados aqui para análise, ainda que atrelados a vozes defensoras da virada pragmática no ensino, contraditoriamente evocam determinadas esferas de atividade humana que partilham pontos de vista opostos. Tais dizeres atestam que outras vozes sempre falam em outros lugares e a eles remetem.

Esse funcionamento verificado nos enunciados ora analisados também é constitutivo de outros enunciados de Ap1. Dessa feita, o foco incide sobre a valorização de outras semioses para além do verbal:

*E5: No mundo atual, caracterizado pela diversidade de linguagens e pela comunicação eletrônica, o uso adequado e eficiente da linguagem verbal é cada vez mais necessário. Essa linguagem não se contrapõe a outras; ao contrário, hoje linguagens verbais e não verbais se cruzam e se complementam, como ocorre na informática, no cinema, nos quadrinhos, na publicidade e até na literatura e na pintura. (Ap1)*

Em E5, vemos que, embora o passado axiologicamente depreciado não esteja presente no dito, expressões como “no mundo atual”, “comunicação eletrônica”, “informática, cinema, quadrinhos” reverberam sentidos associados à dinamicidade do mundo contemporâneo (“no qual informações circulam incessante e vertiginosamente” – E4) e antecipam um destinatário (o estudante) supostamente incompatível com um compêndio gramatical arraigado a um passado distante, baseado na doutrina herdada dos gregos e romanos. Mais uma vez, vozes em diálogo com o discurso da virada pragmática são orquestradas e afirmadas como evidentes verdades, embora, se submetidas à análise, se revelem vazias em densidade informativo-argumentativa, ou até mesmo contraditórias. Afinal, se “no mundo atual, caracterizado pela diversidade de linguagens e pela comunicação eletrônica, o uso adequado e eficiente da linguagem verbal é cada vez mais necessário”, pode-se concluir, a partir do dito, que o passado não fora caracterizado pela diversidade de linguagens e pela comunicação eletrônica, sendo o uso adequado e eficiente da linguagem verbal pouco ou desnecessário, conclusão que efetivamente não se sustenta.

Outras ideias que atuam no cruzamento dialógico constitutivo das apresentações dessas GEs são as noções de variedade linguística e adequação e eficiência no uso da linguagem. Como exemplos, analisemos E6 (enunciado que encerra Ap1) e E7 (um enunciado de Ap3), além de retomarmos para análise E2:

*E6: Esta gramática foi escrita para você, jovem ou adulto que, sem preconceitos, está sintonizado com os diferentes tipos de linguagem e deseja aprimorar sua capacidade de uso da língua portuguesa, seja falando e escrevendo, seja ouvindo e lendo. (Ap1)*

*E7: Procuramos, mais uma vez, elaborar uma obra de estudo e consulta que possa servir de referência, o que creditamos à substancial renovação de textos e atividades, a qual mantém atualizada a relação do nosso trabalho com a língua falada e escrita no cotidiano brasileiro. (Ap3)*

*E2: Este livro pretende fornecer-lhe os meios necessários para um bom desempenho no seu cotidiano, em suas atividades de ouvir, falar, ler e escrever. Para isso, utilizamos uma linguagem bem moderna e atual e selecionamos os mais variados instrumentos para servir de exemplo: manchetes de jornais e revistas, propagandas, histórias em quadrinhos, poemas, contos etc. (Ap2)*



Em E6, E7 e E2, os discursos ecoam vozes da virada pragmática, reproduzindo saberes da “macrolinguística” (WEEDWOOD, 2002), como a Pragmática, a Sociolinguística e as teorias de Gêneros, as quais questionam, por exemplo, a noção de erro/purismo linguístico e homogeneidade linguística, a favor de uma visão de língua(gem) que leve em conta as finalidades que demandam seus usos, os contextos sociais e situacionais em que estes ocorrem, os gêneros textuais que os configuram etc. Passagens como “sem preconceitos”, “diferentes tipos de linguagem”, “capacidade de uso da língua portuguesa” (E6), “renovação de textos e atividades”, “língua falada e escrita no cotidiano brasileiro” (E7) e “atividades de ouvir, falar, ler e escrever”, “variados instrumentos para servir de exemplo: manchetes de jornais e revistas, propagandas (...)” (E2) remetem a discursos outros, a saberes produzidos anteriormente em discursos outros e que atuam na constituição dos sentidos pretendidos pelas três apresentações, as quais acabam por se filiar discursiva e ideologicamente à esfera da virada pragmática no ensino de língua.

Adentremos agora nas teias dialógicas dos enunciados abaixo, a fim de observar, mais uma vez, a tensão que se estabelece entre as vozes e ideias da virada pragmática e da doutrina gramatical tradicional, e que se reflete no discurso das apresentações:

E8: *A língua estudada nesta gramática é a língua portuguesa viva, isto é, a utilizada em suas variedades oral ou escrita, padrão ou não padrão, formal ou informal, regional ou urbana, etc. (Ap1)*

E9: *Nossa principal referência para o estudo dos variados tópicos gramaticais continua sendo a língua viva – textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, que predominam como material de leitura e análise. (Ap3)*

Tanto E8 quanto E9 enfatizam o estudo da “língua viva”, expressão que evoca a esfera da virada pragmática no ensino de língua, em particular a teoria dialógica de Bakhtin/Volochínov. Por outro lado, tal expressão, ao mesmo tempo, também pressupõe vozes que remetem à doutrina gramatical tradicional, as quais não estão ditas nos enunciados, mas presentes em ausência constitutiva. Se existe uma língua viva é porque existe uma língua morta: a estudada nas gramáticas tradicionais, presas ao passado, ao certo vs. errado, ao purismo linguístico, à exclusividade no verbal, ao preconceito e, finalmente, ao perfil de estudante ou professor de que nós, estudantes e professores de português do século XXI, tentamos (in)conscientemente nos afastar, imbuídos que estamos no contexto sócio-histórico-ideológico da virada pragmática. Na esteira de Bakhtin (2008), diríamos que as apresentações, desse modo, antecipam discursos-resposta do leitor/professor comprometido ideologicamente com a virada pragmática, isto é, orientam seu discurso para a compreensão ativa desse leitor/professor, a qual participa da constituição dos discursos materializados. Afinal, todo enunciado é elaborado em função de um ouvinte, de sua compreensão e resposta avaliativas, ou seja, todo enunciado é essencialmente dialógico, pois, ainda que pareçam monológicos, impescindem da participação do outro (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981).

Portanto, ratifico a ideia de que, as apresentações das GEs são arenas de conflito de saberes e vozes vinculados à linguística pós-*virada pragmática* e à doutrina gramatical. Inclusive, em determinado momento de Ap2, mais especificamente no final do último parágrafo, percebe-se a voz do sujeito sócio-histórico da doutrina gramatical não só nos não ditos, mas também presente na materialidade discursiva, ainda que mascarada por eufemismos:

E10: *Procuramos, também, trabalhar apenas com os aspectos elementares da Língua Portuguesa, pois sabemos que, conhecendo esses aspectos fundamentais, você será capaz de desempenhar, cada vez mais e melhor, as atividades do dia a dia que envolve a comunicação entre as pessoas.* (Ap2)

Em E10, o simples uso do “também” discursivamente já anuncia outro tipo de trabalho feito pelo compêndio, dessa vez a partir da abordagem de “aspectos elementares da Língua Portuguesa”, ao mesmo tempo em que atualiza sentidos que sugerem que esse tipo de trabalho é algo complementar ao manual, e não a sua essência. Por certo, esses “aspectos fundamentais” a que se refere Ap2 não se situam no âmbito do texto ou do discurso, mas sim no âmbito da gramática do português; isto é, consistem em suas estruturas fono-ortográficas e morfossintáticas, cujo estudo em si mesmo não se ajusta ao que se espera de um manual filiado ao paradigma da virada pragmática no ensino de língua. Todavia, tais aspectos – aparentemente inomináveis por conta do atual momento histórico que parece não permitir a circulação das ideias da doutrina gramatical – são incontornáveis a toda e qualquer gramática, independentemente da abordagem da qual se parta, o que não justifica tamanho silenciamento ora analisado em Ap2, mas também percebido na materialidade discursiva das outras duas apresentações.

Diante disso, parece-me não ser de bom tom, no cenário sócio-histórico-ideológico em que essas GEs se encontram, não só negar a ideologia da virada, mas também deixar rastros dialógicos de uma suposta filiação teórico-metodológica à doutrina gramatical, o que inclui tentar interditar no texto de apresentação dos compêndios qualquer nuance de discursos que ecoem vozes outras situadas na esfera da doutrina gramatical tradicional, a despeito do paradoxo e da impossibilidade de tal atitude.

#### 4. Considerações finais

A partir da análise empreendida, pode-se afirmar que os discursos engendrados em Ap1, Ap2 e Ap3 refletem e refratam o atual contexto sócio-histórico em que nos abrigamos quando o assunto é ensino de língua materna e gramática do português. Entretanto, esse tecido dialógico é complexo e não homogêneo, pois é atravessado por vozes de outras esferas para além da virada pragmática, como a esfera da ideologia do cotidiano e a da própria doutrina gramatical tradicional, como vimos nos enunciados analisados, instaurando, por vezes, um espaço de tensão/contradição, ao invés de unicidade, e configurando um sujeito sócio-histórico também heterogêneo em relação a si mesmo. Como exemplo, cito mais uma vez as expressões “domínio da língua” (E3), que evoca uma visão de língua como organismo imanente e independente do ser humano, o que ressoa vozes e ideias de espaços outros de se pensar a língua (doutrina gramatical,

formalismo/estruturalismo), que não o da virada pragmática. A meu ver, isso configura o entrecruzamento dialógico de ideias apontado em Bakhtin (1997), não apenas numa atitude oposta aos saberes e discursos que circulam nos domínios da gramática tradicional (como mostrei na maioria dos enunciados analisados), mas também a partir do atravessamento de saberes e discursos do velho no novo, da tradição na inovação (como em E10).

De certo modo, os resultados dessa análise das apresentações das gramáticas escolares de língua portuguesa refletem o momento de transição no ensino de língua em que vivemos, o qual não raro configura conflitos de identidade nos agentes envolvidos nesse deslocamento difícil e paulatino: acadêmicos, professores, livros didáticos, políticas públicas... Não seria, portanto, diferente com as gramáticas escolares, as quais são apresentadas ao estudante e ao professor sob a égide da virada pragmática, porém estruturadas teórico-metodologicamente sob os procedimentos condizentes com a doutrina gramatical de tradição greco-romana. Seguindo Bakhtin/Volochínov (1992), eu diria que essas apresentações são tecidas a partir de uma multidão de fios dialógicos e ideológicos e servem como sensíveis indicadores das transformações pelas quais o ensino de língua passou (e vem passando) nos últimos anos, reverberando discursos em conflito e tensão.

## 5. Referências

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética** (A Teoria do Romance). 4ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

CUNHA, D. de A. C. da. Dialogismo em Bakhtin e Jakubinskij. **Investigações**, Recife, v. 18, n. 2, p. 103-114, jul/2005, publicado em 2006.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

IVANOVA, I. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. Tradução do francês de Dóris de Arruda C. da Cunha e Heber de O. Costa e Silva. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 239-267, 2º semestre 2011.

PIETRI, É. de. **O discurso da mudança do ensino de língua materna no processo de constituição da linguística brasileira.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – IEL, UNICAMP, Campinas, 2003.

RANGEL, E. Livro didático de língua portuguesa: o retorno do recalcado. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **O livro didático de português: múltiplos olhares.** São Paulo: Lucerna, 2001. p. 7-14.

VOLOSHINOV, V. N./BAKHTIN, M. M. A Estrutura do enunciado. Tradução de Ana Vaz, para uso didático, com base na tradução francesa de Todorov, T. (La structure de l'énoncé). In: **Mikhail Bakhtine.** le principe dialogique, suivi de Ecrits du cercle de Bakhtine. Paris, Seuil, 1981 [1930].

\_\_\_\_\_. Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático. Original russo: Voloshinov, V. N. Slovo v zhizni i slovo v poesie, *Zvezda*, nº 6, 1926. Tradução inglesa: Titunik, I. R. Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics. In: Voloshinov, V. N. **Freudism.** New York: Academic Press, 1976.

SILVA, A. C. da. **Configurações do ensino da gramática em manuais escolares de português: funções, organização, conteúdos, pedagogias.** Centro de Investigação em Educação/Universidade do Minho: Braga, 2008.

SILVA, F. E. V. **Gramáticas brasileiras contemporâneas do português: linhas de continuidade e movimentos de ruptura com o paradigma tradicional de gramatização.** Tese (Doutorado em Letras/Linguística). PPGL/UFPE, Recife, 2015.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.